

d) Redação de textos explicativos:

Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Milagres

A atual Igreja Matriz da Ilha do Corvo, sob a invocação de Nossa Senhora dos Milagres, foi edificada em 1795. Essa edificação remonta, entretanto, a outra, anterior erguida entre 1684 e 1695, de acordo com os *Capítulos das Visitas Pastorais*, realizadas ao Corvo entre os séculos XVII e XIX, e que podem ser consultados na monografia *Retratos sociais da ilha do Corvo – do povoamento ao século XIX*.

Sabemos assim que o primeiro templo erguido na ilha se tratou de uma pequena ermida junto ao mar, sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário, invocação que transitará para a nova igreja, até ao século XVIII. A tradição diz-nos que a imagem da Senhora terá sido trazida pelo mar e encontrada durante uma das muitas buscas por lenha que os corvinos se viam obrigados a fazer; a moderna investigação indica que é de origem flamenga, confeccionada no século XVI.

Sobre a primitiva ermida, Gaspar Frutuoso diz-nos apenas que *“é de telha e, defronte do lugar, está o porto da banda do sul, que se chama o Porto das Casas, eu é de calhau...”*; já Frei Diogo das Chagas, que dista do primeiro quase um século diz-nos que *“sobre a rocha do mar está a povoação e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, que antigamente foi ermida, e hoje he Igreja mui fermosa, que de novo se fez, e reedificou o Padre Ignacio Coelho, que nela tinha sido Vigairo”*.

As *Visitas Pastorais* vão mais além e referem a exiguidade do templo, que é notada pelo Visitador logo em 1660 e mais tarde em 1675, registando que esta *“não tem mais grandor que uma ermida”* e que estava construída sobre uma rocha *“frágil e quebradiça”* que *“se vai arruinando a respeito dos baques do mar”*. O mesmo ainda se verifica uma década depois quando o visitador refere que esta *“mais parece domicílio para criaturas irracionais do que casa de oração”* e que era *“incapaz de receber a terça parte do povo de sua freguesia”*, deixando de fora *“as duas partes de seus fregueses”*.

A sua localização exata é, presentemente, desconhecida, não obstante a realização de sucessivas campanhas de arqueologia, em anos recentes, promovidas pelo Governo Regional dos Açores. As fontes históricas apontam para a sua implantação em posição sobranceira ao Porto da Casa, mas não permitem aferir melhor hipótese, carecendo de uma validação arqueológica, ainda em falta.

O atual templo foi mandado construir pelo Visitador em 1675¹, *“a expensas do conde [de Santa Cruz], assumindo os moradores a obrigação de contribuírem com o seu trabalho braçal, distribuindo-se pelos dias que a cada um tocar sem qualquer excepção de pessoas”*, o que virá a concretizar-se 20 anos depois, em 1695. Embora com melhorias

¹ 3.ª Visita, em 27 de agosto de 1675, cap. 4.º

a serem feitas ao longo das décadas seguintes², é a partir desta data que os corvinos passam a utilizar o seu novo lugar de culto, cuja conclusão terá acontecido em 1795, um século mais tarde.

Até 1712, as referências são feitas à paróquia de Nossa Senhora do Rosário, altura em que surge a primeira referência à de Nossa Senhora dos Milagres. Para compreender esta mudança é necessário atentar ao imaginário da comunidade, um vez que além da lenda do achado da imagem, existem outras associadas à Senhora e que justificam esta alteração.

A mais importante remete-nos a 1632, data em que a população do Corvo, sem recursos para se defender diante de um ataque de piratas da Barbária, terá invocado o auxílio da sua padroeira, então Nossa Senhora do Rosário, tendo o pároco colocado a sua imagem à vista, na Canada da Rocha, por onde os invasores tentavam entrar em terra. Os atacantes, vendo que não conseguiam invadir e saquear a vila, e já com algumas baixas, retiraram, tendo um dos sobreviventes, ao ser recolhido pela população, contado que em cima da rocha, junto ao mar, viam uma mulher na qual as balas das suas armas faziam ricochete, atingindo-os. Os corvinos terão saído vitoriosos do confronto que durou 10 horas e foi avistado da vizinha Ilha das Flores, com nada mais do que rochas vulcânicas e a vantagem da orografia da ilha que lhes garantia distância dos atacantes. Foi assim atribuída a Nossa Senhora a vitória e registado o episódio por escrito, divulgado na altura, e que chegou aos nossos dias.

Mais tarde, e segundo a tradição oral, tendo a Corte conhecimento deste milagre, quis levar a imagem para Lisboa, onde pudessem ser agraciados com milagres semelhantes. Uma vez lá chegada e colocada em local de oração, apareceria todas as manhãs com o manto encharcado de água salgada, como se tivesse feito a travessia do Atlântico para junto daquela que era a sua comunidade. Tendo o episódio se repetido diversas vezes, a imagem foi finalmente devolvida para o local onde verdadeiramente pertenceria, a Ilha do Corvo, de onde só voltou a sair para intervenções de restauro.

Já no século XX, o templo foi alvo de intervenções de melhoria, como o restauro da capela-mor (1927)³, a substituição do telhado e do revestimento das paredes exteriores (1965), a substituição do pavimento interior e a pintura interior e exterior (2002) e a instalação de vitrais nas janelas (2016).

A 4 de novembro de 1932, deflagrou no templo um violento incêndio que deixou apenas as paredes de pé. Perderam-se riquíssimas alfaias, salvando-se, entretanto, a imagem da padroeira⁴. As obras de reconstrução tiveram início em 1933. Ter-se-á

² Em 1701 foi ordenado o lajeamento do soalho e, em 1706, voltou a insistir-se neste arranjo mas com tábuas de cedro; em 1731 foi mandado construir um novo altar lateral; em 1762 ordenou-se a construção de uma nova capela mor e seu retábulo por serem considerados “indecentes” os então existentes.

³ COSTA, 1955-56:52.

⁴ Idem.

perdido neste incêndio o breviário da Igreja, onde os párocos da ilha terão registado, ao longo dos tempos, os acontecimentos mais marcantes da comunidade.

Atualmente integra o conjunto edificado protegido pela Resolução n.º 69/97, de 10 de abril, do Governo Regional dos Açores, e incorpora o “Inventário do Património Histórico e Religioso da ilha do Corvo”.

A festa da Senhora dos Milagres, celebrada, anualmente, a 15 de agosto, é a maior, mais importante e mais tradicional da ilha, estendendo-se por uma semana e atraindo centenas de pessoas. Durante a semana é rezada a novena e, na véspera do dia da procissão, tem lugar a tradicional Procissão das Velas⁵. No dia 15 celebra-se missa solene, seguida de procissão onde a imagem da padroeira, acompanhada de outras imagens e símbolos religiosos, percorre as ruas da vila, enfeitadas com tapetes de flores e verduras, executados pelas pessoas da comunidade que acorrem a colaborar. Durante esta procissão muitas pessoas, da ilha e de fora dela, pagam as suas promessas, em virtude de graças obtidas por intercessão de Nossa Senhora dos Milagres. Ao longo dos séculos, a padroeira acumulou um precioso espólio em ouro, composto por duas coroas, uma dela e outra do Menino, e ainda um antigo rosário também em ouro. Segundo uma lenda, este terá sido oferecido pelo célebre pirata Almeidinha no início do século XIX, como sinal da sua amizade ao pároco do Corvo.

Celebram-se, ainda, a Festa de São Pedro (24 a 26 de junho), que acontece sempre no fim-de-semana mais próximo do dia 29 de junho (dia de São Pedro) e a festa da Sagrada Família, quase sempre no último fim-de-semana de julho. Estas foram em tempos realizadas no adro da Igreja, tendo transitado para o Largo do Outeiro, para o campo de futebol e agora, para o Parque Municipal.

Casa do Espírito Santo

Foi erguida em 1871, conforme inscrição epigráfica na fachada, seguindo a traça arquitetónica das suas congéneres, na Ilha das Flores.

Atualmente incorpora o conjunto edificado protegido pela Resolução n.º 69/97, de 10 de abril, do Governo Regional dos Açores, e integra o “Inventário do Património Histórico e Religioso da ilha do Corvo”.

A Festa do Divino Espírito Santo acontece anualmente no 7.º Domingo depois da Páscoa. Celebra-se com um cortejo com missa solene e sopas do Espírito Santo onde toda a população é convidada. No 2.º fim-de-semana de julho tem lugar a festa profana,

⁵ Desde 1942, a procissão passa pelo Porto do Boqueirão onde é atirada ao mar uma coroa de flores em homenagem aos mortos no naufrágio da lancha *Senhora das Vitórias*, também conhecida por *Francesa*. Esta havia saído do porto da Fajã Grande, na ilha das Flores, com destino ao Corvo, transportando 34 passageiros e 5 tripulantes que iam atender às celebrações da Nossa Senhora dos Milagres. 17 foram as vítimas mortais deste trágico acidente que é recordado ainda hoje pelos corvinos.

com arraial, restauração, artistas e convidados, havendo no Domingo, mais uma vez, o cortejo com coroações e o bodo de leite⁶.

Afirma-se ainda que, antigamente (e somente na ilha do Corvo), se celebrava, no dia 25 de abril, o chamado “Dia dos Cornos”. Para esse fim, reuniam-se as pessoas no Largo do Outeiro, diante da Casa do Espírito Santo e organizavam um cortejo em que seguia um carro de bois, em cima do qual iam aqueles que ia casar naquele ano (de abril a abril), levando uma grinalda com uns cornos, puxados pelos restantes homens. Os homens que se encontravam a namorar, mas que ainda não sabiam quando haveriam de casar, abriam o cortejo munidos de vassouras, a varrer o caminho para o carro passar.

O cortejo percorria as principais ruas da vila e regressava ao Outeiro, como se de uma procissão se tratasse, onde estava uma coroa enfeitada com chifres, presa a um mastro de bandeira, que descia com o auxílio de uma roldana, com a qual o Mordomo da festa coroava os que por ali passassem. Ao fazer descer a coroa na cabeça do coroando e possível candidato a corno, exclamava em latim: “*Cornus tibi!*” (cornos para ti!), ao que o mesmo devia responder: “*Amem*”. Esta tradição teve fim em 1974.

Nossa Senhora do Bom Caminho

Trata-se de um oratório situado no início da estrada que sai da vila rumo ao Caldeirão, cuja bênção ocorreu a 31 de maio de 1964. Sob a invocação de Nossa Senhora do Bom Caminho, a imagem encontra-se voltada para a vila. Em seu louvor, uma procissão anual sai da Igreja Matriz até ao local, seguida da missa campal e um animado arraial, que encerra as festas religiosas de Verão da ilha, no segundo fim de semana do mês de setembro.

Nicho de Santo Antão

Trata-se de um oratório situado aos Lagos, subindo a Canada da Fonte Velha. Sob a invocação de Santo Antão - padroeiro dos animais e dos lavradores -, a sua festa é celebrada, anualmente, a 18 de janeiro, com uma romaria até ao local, quando a imagem é enfeitada com flores e folhas de fetos (frondes). Recorde-se ainda que alguns dos primeiros povoadores do Corvo, no século XVI, foram escravos oriundos da ilha de Santo Antão, no arquipélago de Cabo Verde.

Cruzeiro do Rego de Água

⁶ Para conhecer os detalhes do culto veja-se SILVA (2018).

Também referido como Cruzeiro do Rego de Água⁷, trata-se de um oratório inserido num muro de pedra seca, no caminho para o Caldeirão. Remonta ao século XVIII, e é constituído por um elemento retangular de cantaria que contém um nicho com arco de volta perfeita emoldurado e rematado por uma cornija.

Registe-se ainda a visita da primeira Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima, que, acompanhada de adequada comitiva, veio às chamadas “Ilhas Adjacentes” – designação então dada aos arquipélagos dos Açores e da Madeira. Transportada pelo *N/T Carvalho Araújo*, da *Empresa Insulana de Navegação*, esteve no Corvo e nas Flores em 2 de julho de 1948⁸.

⁷ Ficha 91.11.26 – Cruzeiro do Rego de Água. In BRUNO, Jorge Augusto Paulus (coord.) (2001). *Inventário do Património Imóvel dos Açores: Vila Nova - Corvo*. s.l. [Angra do Heroísmo], Direcção Regional da Cultura; Instituto Açoriano de Cultura; Câmara Municipal de Vila do Corvo.

⁸ "Nos três Concelhos das Ilhas das Flores e Corvo preparam-se entusiasticamente grandes festejos para a Recepção da Veneranda Imagem: A Vila de Nossa Senhora do Rosário será fechada com portas simbólicas". *As Flores*, ano XIX, n.º 938, 26 jun 1948. p. 2. Ver também: "Recepção de Nossa Senhora de Fátima". *As Flores*, ano XIX, n.º 940, 10 jul 1948. pp. 1-2.